

Acção de Protesto e Luta

Dia 28 de Fevereiro – 15h00

Junto à Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Concentração – sede da ATP

2010 a 2018

Cresceram as Exportações e os lucros das Empresas!



ATP
mantém

Salários congelados há 8 anos (2012 a 2019)

Pressão no corte aos direitos laborais

Baixos Salários afastam Jovens Qualificados!



FESETE



Exigimos melhores salários, direitos e dignificação das profissões!

INTERVENÇÃO

Isabel Tavares

Coordenadora da Direcção Nacional da FESETE

Camaradas,

Ao longo das últimas décadas a indústria TVC esbarrou nas políticas neoliberais e na aposta na desindustrialização dos sucessivos governos e das instituições europeias. Apesar de todos os constrangimentos que durante décadas impuseram um retrocesso acentuado para os sectores e seus trabalhadores, nos últimos 10 anos respiraram-se ventos de mudança e podemos dizer que o sector respira confiança.

Mudança só possível com muito empenho, dedicação, envolvimento dos trabalhadores e seus sindicatos, que em tempo útil souberam responder aos desafios e às necessidades que se impunham para garantir a estabilidade e adaptar o sector às exigências do momento.

Mas como nem tudo é positivo, e nem sempre os ventos favoráveis sopram a favor dos trabalhadores, ou melhor dificilmente sopram a favor dos trabalhadores.

Estamos aqui, hoje, nesta ação de protesto, luta e também de denúncia, porque se impõe denunciar o comportamento da Associação Patronal, ATP de boicote à negociação Coletiva que se mantém desde 2012 e que resultou no congelamento salários durante 8 anos para milhares de trabalhadores.

Boicote que atirou a esmagadora maioria dos trabalhadores qualificados da produção para o SMN, deixando quadros intermédios e chefias fora de qualquer evolução salarial á já vários anos, uma atitude que constitui um claro desrespeito para com aqueles que contribuíram para o sucesso e o crescimento do sector que diariamente e anunciado e apregoado por esta Associação Patronal.

Num momento em que assistimos a recordes nas exportações, a produtividade e lucros, a uma década de crescimento consecutiva do sector, em que as ITVC são uma referência para a economia dos pais. Em que as declarações da associação patronal da ATP na pessoa do seu Presidente Paulo Melo e do Diretor Geral Paulo Vaz, ontem mesmo ao JN, apresentam um balanço de 2018 na têxtil e vestuário, positivo, crescimento das exportações em 2%, batem mais um recorde de negócios, e afirmam uma década consecutiva de crescimento, referindo com meios para o sucesso entre outros, aposta em novos mercados, a inovação do produto e o valor acrescentado associado ao produto final e os seus trabalhadores.

Apresentam para o futuro a continuação da aposta no investimento e na inovação, os respetivos ajustes aos constrangimentos externos dos mercados com que trabalham e acrescentam a falta de mão-de-obra qualificada para a resposta às necessidades de produção das empresas.

Tudo isto nós confirmamos sem qualquer dúvida!

Mas camaradas, se são reais estes dados positivos em relação ao sector, não menos real é a exploração a que os trabalhadores estão sujeitos nas empresas deste patronato. É necessário alterar o contexto laboral deste sector, temos um modelo de trabalho caracterizado por violentos ritmos de trabalho sem pausas, com tarefas monótonas e repetitivas, e diferentes formas de assédio laboral nas linhas de produção, que resultam num aumento exponencial das doenças profissionais e psicossociais.

Quando falo em doenças profissionais falo de um flagelo que afecta o sector que se reflete em particular nas mulheres trabalhadoras, também nos homens mas não com tanta incidência. Um verdadeiro problema, que limita a vida profissional e familiar, mulheres, que com 50 anos estão incapacitadas para o trabalho e limitadas na sua vida pessoal. Estamos a poucos dias do dia 8 de março Dia Internacional da Mulher em que se assinala a luta das mulheres contra todas as formas de opressão, discriminação e exploração, pelos seus direitos específicos e pela paz, luta que se mantém necessária até aos dias de hoje.

Luta que decidimos no âmbito do sector reafirmar e valorizar!

Não fossemos nós um sector predominantemente de mulheres, onde são as mulheres as principais vítimas e como consequência as suas famílias de todo o tipo de discriminação, opressão e exploração. São os baixos salários, carreiras profissionais pouco dignificantes, dificuldades no exercício dos direitos de maternidade, discriminação, desregulamentação de horários e a dificuldade em conjugara a vida profissional com a vida familiar.

Por tudo isto 8 de Março e a luta das Mulheres trabalhadoras mantem-se atual e no sector vamos continuar a dar o nosso contributo na defesa da igualdade de oportunidades entre Mulheres e Homens e na valorização do trabalho e dos trabalhadores. Desde já faço o apelo á participação no dia 9 de Março na manifestação do MDM em Lisboa á qual a CGTP se associou e apoia. Todos juntos somos mais fortes, unidos venceremos!

O combate às desigualdades passa também por:

Abandonar o modelo de baixos salários que caracteriza este sector, atrair trabalhadores, passa por salários dignos, as carreiras profissionais que valorizem os trabalhadores, criar postos de trabalho com vínculos laborarias estáveis, qualificar e valorizar os trabalhadores.

Só assim vai ser possível atrair jovem e trabalhadores qualificados para integrar a nossa indústria.

É preciso que o patronato aposte na valorização do trabalho e dos seus trabalhadores, não basta dizer que eles são parte importante do processo de recuperação e do sucesso do sector, mantendo o garrote aos direitos e salários, elevando os níveis de exploração ao limite.

Um claro exemplo desta desvalorização e desumanização das relações de trabalho é o processo que a Associação Patronal da ATP desenvolveu em torno do bloqueio à negociação do CCT.

Esta Associação Patronal, ATP, em 2014, denunciou com a intenção de levar à caducidade o CCT recentemente negociado com a FESETE, cuja última republicação integral tinha sido negociada em 2011, tendo com o objetivo eliminar um conjunto de direitos livremente negociados: feriados de Carnaval e Municipal, majoração das férias, redução da retribuição no trabalho noturno e no trabalho extraordinário, entre outros.

Não claudicámos, denunciámos, protestámos e lutámos ao longo dos últimos anos contra os ataques aos direitos, reclamámos negociações, informámos os trabalhadores e apelámos à sua mobilização e participação na luta contra o boicote da ATP à negociação, ao corte nos direitos laborais e ao congelamento dos salários.

Hoje aqui mesmo e passados 6 anos continuamos essa luta pela livre negociação da contratação coletiva em defesa dos direitos consagrados no CCT da ATP, pois apesar do sucesso que tanto apregoam a negociação com a ATP mantém-se bloqueada, por esta Associação insistir no corte de direitos e no aumento da exploração.

Fruto desta realidade foi necessário desenvolver vários processos de luta reivindicativa nos locais de trabalho, em defesa dos direitos consagrados no CCT em vigor, bem como pelo aumento dos salários nas empresas deste sector.

Processos esses bem-sucedidos pois podemos dizer que a aplicação dos direitos do CCT se mantém, apesar das sucessivas orientações da Associação Patronal da ATP às empresas filiadas de que o contrato tinha caducado.

No decorrer desta semana foi necessária a intervenção dos sindicatos nos locais de trabalho, pois com o feriado de carnaval á porta lá vieram as tentativas de por um direito legítimo dos trabalhadores, ao feriado em causa.

Este forte ataque aos direitos e a manutenção dos baixos salários tem de continuar a ter a nossa resposta, com luta e reivindicação na rua e nos locais de trabalho, exigindo do patronato a justa distribuição da riqueza criada pelos seus trabalhadores e o equilíbrio das relações de trabalho.

Exigindo negociações, melhores salários, trabalho digno em condições dignas, mais e melhores direitos e o combate a concorrência desleal que esta Associação Patronal está a protagonizar junto das restantes associações com âmbito ao sector,

É necessário continuar a reivindicação da revogação do instrumento da caducidade do CT, prosseguir a linha o caminho da luta em defesa da livre negociação coletiva, o caminho do equilíbrio das relações de trabalho, sem condicionamentos nem garrotes a favor do patronato, cumprindo o princípio estabelecido na Constituição da Republica Portuguesa.

Cumpra-se a Constituição queremos contratação!

Estamos aqui hoje justamente porque não fechamos ao diálogo e queremos negociar, de forma seria para o justo e necessário equilíbrio das relações de trabalho, neste e em todos os sectores que a FESETE representa.

É hora do patronato deixar o show da comunicação social com os grandes resultados, sem se preocupar com quem contribuiu e contribui para o sucesso do sector, os trabalhadores.

Camaradas,

Fica aqui mais uma vez transmitido ao patronato que a FESETE e os seus Sindicatos não vão deixar de lutar pela valorização dos trabalhadores através da contratação colectiva, justa equilibra e equitativa.

A luta continua nas empresas e na rua!

Vila Nova de Famalicão, 28 de Fevereiro de 2019

A Coordenadora da Direcção
Nacional da FESETE

Isabel Tavares